

ESTADOS UNIDOS

Apenas dois gêneros

Trump avisa que, a partir de hoje, a política do governo dos EUA reconhecerá somente os gêneros masculino e feminino. Especialista da Universidade da Califórnia prevê aumento de barreiras enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+

» RODRIGO CRAVEIRO

De agora em diante, os Estados Unidos reconhecerão apenas “dois gêneros”. O aviso, feito por Donald Trump em seu discurso de posse, marca um ponto controverso de sua agenda comportamental. “Nesta semana, acabarei com a política governamental de tentar aplicar a raça e o gênero em cada aspecto das vidas pública e privada”, declarou. “A partir de hoje, a política do governo dos EUA é a de que existem apenas dois gêneros, masculino e feminino”, ressaltou, arrancando aplausos dos convidados reunidos sob a Rotunda do Capitólio. De acordo com ele, a sociedade norte-americana será baseada no casamento.

Em 23 de dezembro passado, Trump tinha antecipado a decisão durante evento para jovens conservadores, na cidade de Phoenix (Arizona). Na ocasião, ele prometeu pôr fim à “loucura” dos transgêneros. “Assinarei ordens executivas para acabar com a mutilação sexual infantil; e tirar os transexuais das Forças Armadas e das nossas escolas primárias e de ensino médio”, declarou. O site POLITICO divulgou que os departamentos de Estado e de Segurança Interna, além de agências federais, receberão ordens para retirar de passaportes, vistos e outros documentos de esfera federal as opções “não-binário” ou “outras” de documentos federais, incluindo passaportes e vistos.

Em seu governo, Trump pretende pôr fim aos esforços relacionados à “engenharia social de raça e gênero em todos os aspectos da vida pública e privada”. Ativista transgênero e líder da Wave Women, organização que presta assistência a pessoas trans não brancas, em Rochester (Nova York), Javannah J. Davis disse ao **Correio** que a decisão de Trump baseada apenas no

David Dee Delgado/AFP



Manifestantes participam da Marcha da Liberação Queer, em Nova York, em foto de arquivo: decisão de Trump pode estigmatizar pessoas não binárias

sexo biológico representa uma mudança significativa na forma com que o gênero é legalmente reconhecido nos EUA. “Isso reflete uma compreensão binária do gênero e pode ter implicações nas políticas federais e nos programas e proteções legais para pessoas transgênero e indivíduos não-binários.”

Direitos ameaçados

Javannah acredita que a medida adotada pelo novo governo poderá limitar o reconhecimento e os direitos daquelas pessoas cujas identidades estão fora do padrão binário. Também prevê impactos na restrição a serviços de afirmação de gêneros na cobertura da saúde ou em seguros.

A partir de hoje, a política do governo dos EUA é a de que existem apenas dois gêneros, masculino e feminino

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

“As pessoas poderão enfrentar desafios na obtenção ou atualização de passaportes, licenças e outros documentos. A decisão de Trump poderá aumentar o estigma, a discriminação e a marginalização de comunidades transgênero e não binárias”, observou.

Brad Sears — diretor executivo do Williams Institute, que

conduz pesquisas independentes sobre orientação e identidade de gênero, e professor da Faculdade de Direito da Universidade da Califórnia (Ucla) — explicou ao **Correio** que a ordem executiva de Trump “entra em conflito com a biologia básica e a realidade atual”. “Sabemos há séculos que o sexo biológico é

mais complicado do que um binário simples. Hoje, há mais de 1,6 milhão de pessoas transgênero nos Estados Unidos. Além disso, há centenas de milhares de pessoas que são não binárias e intersexuais. A ordem executiva pode e aumentará as barreiras que elas enfrentam, mas não pode apagar sua existência ou seu futuro”, alertou.

Para Sears, a decisão de Trump fará com que as pessoas classificadas com TGI — transgênero, de gênero variante e intersexo — percam o acesso a atendimento médico e a proteções federais nas escolas e no trabalho. “Também haverá impactos negativos à saúde mental em uma comunidade considerada vulnerável”, previu.

Eu acho...

Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

“Líderes, organizações e aliados do TGI trabalharão para fazer dos próximos quatro anos um obstáculo no progresso para a igualdade trans completa. Haverá protestos e litígios desafiando a ordem executiva. As comunidades LGBTQ nos Estados Unidos têm uma longa história de compensar a inação do governo, inclusive durante a epidemia de Aids. Cuidamos dos nossos, mesmo que tenhamos que construir instituições e serviços para isso. Essa resiliência e essa desenvoltura continuarão durante os próximos quatro anos.”

Brad Sears, diretor executivo do Williams Institute, que conduz pesquisas independentes sobre orientação e identidade de gênero, e professor da Faculdade de Direito da Universidade da Califórnia (Ucla)

Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

“Políticas que impactam diretamente os direitos de pessoas transgênero e não binárias geralmente levam a protestos disseminados e à luta de organizações de defesa dos LGBTQIAP+ e de grupos de defesa dos direitos humanos. Historicamente, mudanças percebidas como discriminatórias têm mobilizado, em larga escala, movimentos voltados ao despertar da consciência e da promoção da igualdade.”

Javannah J. Davis, ativista transgênero e líder da ONG Wave Women (em Rochester, Nova York)

Política climática: “o elefante na sala”

Um erro grave com impactos negativos muito além das fronteiras norte-americanas. É como especialistas em climatologia, cientistas e organizações não governamentais reagiram ao anúncio do presidente Donald Trump de retirar os Estados Unidos do Acordo de Paris. Embora fosse esperado, o ato, acrescentado da declaração de que o país decreta “emergência energética nacional” causou indignação, especialmente em um momento no qual o estado da Califórnia é consumido por incêndios florestais.

“Minha casa está queimando — Los Angeles está pegando fogo. Bairros inteiros estão sufoando com cinzas, vidas estão sendo perdidas e mais de 130 mil foram deslocadas em uma única semana. Agora não é hora de recuar em iniciativas globais que visam nos colocar em um caminho para um futuro habitável”, reagiu Sim Bilal, codiretor da ONG Youth Climate Strakes Los Angeles. “A decisão de Trump

enfraquece até mesmo a mínima responsabilidade internacional que tem sido duramente conquistada em todo o mundo.”

No discurso de posse, Trump não apenas assegurou a retirada dos Estados Unidos do acordo climático, como havia feito em 2017. Ele repetiu um de seus lemas de campanha — “Perfure, baby, perfure” — para deixar explícita a nova política energética norte-americana, que intensificará a exploração de petróleo e hidrocarbonetos. Esses combustíveis são os principais responsáveis pela formação de gases de efeito estufa e, segundo cientistas, têm de ser substituídos por fontes limpas.

Segundo o Observatório Meteorológico Mundial (OMM), da Organização das Nações Unidas (ONU), e do Observatório Copernicus, da Europa, 2024 foi o ano mais quente já registrado, e o primeiro a ultrapassar a meta de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, estabelecida pelo Acordo de Paris.

Na administração do

Getty Images via AFP



Vista aérea da devastação provocada pelo fogo em Altadena, no estado da Califórnia, consumido por incêndios florestais

Reações

Em nota, Basav Sen, diretor de política climática do think tank norte-americano Instituto de Estudos Políticos, destacou que, embora o Acordo de Paris seja falho, sair do pacto climático global é “repreensível”. “Em resposta, exigimos que os governos estaduais e locais acelerem a eliminação gradual dos combustíveis fósseis, ao mesmo tempo em que planejam uma transição justa para as comunidades e trabalhadores afetados”, afirmou.

Para Ronaldo Christofolletti, professor do Instituto do Mar da Universidade Federal de São Paulo (IMar/Unifesp), a retirada

antecessor de Trump, Joe Biden, os Estados Unidos se comprometeram a reduzir entre 61% e 66% a poluição por dióxido de carbono até 2050, comparado aos níveis de 2005. Uma estimativa da ONG Carbon Brief é que, com o magnata novamente à frente da Casa

Branca, as emissões de gases de efeito estufa adicionem 4 bilhões de toneladas ao inventário norte-americano em 2030. A indústria do combustível fóssil foi um dos principais patrocinadores da campanha do atual presidente, com US\$ 75 milhões de doações declaradas.

dos Estados Unidos do acordo é, hoje “o elefante branco na sala”. “O país é um dos maiores emissores (de gases de efeito estufa) e, pior do que apenas sair do Acordo de Paris, é ter um governante que diz que vai emitir mais gases, deliberadamente”, avalia.

Christofolletti, integrante da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (Recn), acredita que os planos de Trump comprometerão também a contribuição financeira esperada do país para um fundo global de ações de adaptação e mitigação climáticas. Embora criticados por não estabelecer metas ambiciosas na Conferência do Clima do Azerbaijão (COP29), no ano passado, os Estados Unidos concordaram em ratear com outras nações industrializadas US\$ 300 bilhões anuais para o mecanismo de compensação aos países mais afetados e que menos contribuíram para as mudanças climáticas até 2035. “O problema é que uma decisão unilateral terá um impacto mundial enorme”, sentencia.

Netanyahu confia em “dias mais belos”

Numa mensagem de vídeo, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, parabenizou o presidente Donald Trump pelo novo mandato, afirmando que “os dias mais belos” da parceria com os Estados Unidos estão por vir. “Acredito que trabalharmos juntos levará a aliança EUA-Israel a níveis ainda maiores”, disse o premiê. Familiares de reféns capturados pelo Hamas participaram das festividades de posse de Trump no Capital One Arena.

No vídeo, Netanyahu agradeceu ao republicano por seus esforços

para a libertação dos reféns, nas mãos extremistas desde outubro de 2023. “Estou ansioso para trabalhar com vocês para que os últimos retornem, para destruir a capacidade militar do Hamas e acabar com o seu poder político na Faixa de Gaza. E para garantir que Gaza nunca mais represente uma ameaça para Israel”, assinalou.

Para o futuro, Netanyahu externou confiança em que a aliança entre Israel e Estados Unidos, com a volta de Trump ao poder, resultará na “derrota do eixo do terror iraniano”. Antes, elogiou o que

chamou de “momentos revolucionários” que marcaram a primeira passagem do magnata pela Casa Branca, entre 2017 e 2020.

“Ele se retirou do acordo perigoso sobre o programa nuclear iraniano, reconheceu Jerusalém como capital de Israel, transferiu a embaixada americana para Jerusalém e reconheceu a soberania de Israel sobre as Colinas de Golã”, sublinhou Netanyahu. O premiê exaltou ainda o sucesso na negociação dos “acordos históricos de Abraham, por meio dos quais Israel alcançou a paz

com quatro países árabes”.

Um dia depois de ser libertada, Emily Damari, uma cidadã israelense-britânica que foi mantida em cativeiro em Gaza por mais de 15 meses, fez uma postagem de agradecimento no Instagram. “Voltei a viver”, disse a mulher de 28 anos na publicação. “Sou a pessoa mais feliz do mundo simplesmente por existir”, acrescentou. Emily Damari foi libertada no domingo com Doron Steinhilber, 31 anos, e Romi Gonen, 24. Em troca, Israel libertou 90 prisioneiros palestinos.



Famílias de reféns do Hamas prestigiam posse do republicano